

Marta Arretche

Capa: Gabriel Cohn, Fernando Abrucio, Argelina Figueiredo e Marta Arretche analisam as eleições 2010.

Dilma versus Serra Por Diego Viana | Para o Valor, de São Paulo

08/10/2010

Dilma Rousseff e José Serra, que se enfrentam no dia 31: "O segundo turno é o momento em que o embate é frontal. O primeiro é que deveria ser mais alto", diz Gabriel Cohn. A votação expressiva de Marina Silva (PV) nas eleições pegou de surpresa boa parte dos analistas e institutos de pesquisa, que tiveram dificuldade para captar a dimensão da "onda verde" que garantiu o segundo turno na eleição presidencial. Marina, com os 19,33% de votos que recebeu dos eleitores brasileiros, transformou-se no grande fenômeno político de 2010, estancou a ascensão de Dilma Rousseff (PT) e garantiu vaga a José Serra (PSDB) no segundo tempo.

A complexidade do fenômeno Marina, segundo analistas, resulta das diferentes tendências sociais que convergiram para sua figura na reta final da campanha. Por um lado, a preocupação com o ambiente e a sustentabilidade econômica tiveram contribuição modesta na subida da candidata, como atesta a votação tímida de seu partido, o PV. Por outro, os votos evangélicos, católicos e conservadores foram atraídos para ela como porto seguro contra a imagem "abortista" de Dilma, amplificada por mensagens apócrifas na internet, no fim de semana que precedeu a votação. Finalmente, Marina foi sustentada por um contingente de jovens que, descontentes com a política tradicional realizada pelos candidatos do PT e do PSDB, buscaram na novidade da candidata do PV um escape para suas aspirações.

Para analisar esse fenômeno, o Valor entrevistou três observadores da cena política: Fernando Abrucio, professor da FGV-SP, que aborda o efeito que Marina terá sobre a campanha no segundo turno; Gabriel Cohn, professor da USP, que oferece uma perspectiva mais distante, considerando o significado histórico e social dessa conjunção de tendências que levou ao segundo turno, e Marta Arretche, também da USP, que analisa ser de protesto os votos recebidos por Marina.

Leia também artigo de Argelina Figueiredo, professora do Iesp/Uerj.

"Caso Erenice despertou descrédito em Dilma"

Márcio Ferrari | Para o Valor, de São Paulo

08/10/2010

Para Marta Arretche, professora de ciência política da Universidade de São Paulo (USP), a surpresa causada pela necessidade de segundo turno para as eleições presidenciais provocou alguns exageros interpretativos. A professora relativiza o fenômeno da "onda verde" e a força

política que se passou a atribuir a Marina Silva. Boa parte dos votos que a ex-candidata recebeu, segundo Marta, foram manifestação de protesto. Ela também não vê por que, por enquanto, questionar o favoritismo da candidata Dilma Rousseff, dada a grande diferença de votos recebidos no primeiro turno em relação a José Serra.

Valor: Qual foi a mensagem do eleitorado no primeiro turno da eleição presidencial?

Marta Arretche: Difícil dizer que exista mensagem única. Havia uma expectativa alimentada pelas pesquisas de opinião de que Dilma já se elegeria no primeiro turno, e o resultado causou surpresa. A grande novidade foi o crescimento de Marina. Mas não é possível afirmar que o voto recebido seja realmente dela e se repetirá em outra eleição. Tendo a achar que há exagero no fenômeno chamado de "onda verde". O que aconteceu foi um descrédito em relação a Dilma por causa do caso Erenice Guerra. Na história recente do Brasil esse tipo de denúncia tem tido impacto nas urnas. Também ficou claro que há um eleitorado que aposta fielmente em Serra, ao contrário do que se avaliava. Até duas semanas antes da eleição, dizia-se que o PSDB iria acabar.

"Apesar de o eleitorado votar numa pessoa, o voto é a favor ou contra uma situação. A importância do personalismo tende a ser marginal"

Valor: O "fenômeno Marina" é volátil, então?

Marta: Claro que há um eleitor verde, jovem, que quer mudanças no modo de fazer política. Os votos deles no segundo turno aparentemente não serão de Serra, já que os pontos que Dilma perdeu não foram para ele. Mas é difícil saber o destino, no curto prazo, do eleitorado todo que votou na Marina. Não se pode dizer que esteja comprometido com a questão ambiental. É mais provável que tenha sido, em grande parte, um voto de protesto contra os costumes políticos atuais, movido por questões éticas e não pela causa verde.

Valor: Marina não teria chances de passar para o segundo turno?

Marta: O problema é que a eleição para presidente acaba sendo, na prática, bipartidária. A trajetória política recente mostra que o candidato precisa ter estrutura de partido para vencer eleição, como o PT e o PSDB têm.

Valor: Há quem diga que Dilma esgotou sua capacidade de atrair votos.

Marta: Ainda estamos sob o impacto da reversão de expectativas. Embora a diferença seja grande em favor de Dilma, parece que foi o Serra que ganhou. É mais frequente que aquele que sai com folga do primeiro turno vença no segundo. Estão exagerando as supostas deficiências da campanha da candidata. Não há nada de inédito na realização de segundo turno, e já houve disputas bem mais acirradas. Em 2006, Lula e Geraldo Alckmin tiveram no primeiro turno 49% e 42% dos votos, respectivamente.

Valor: E qual deverá ser o papel de Lula agora? Segundo algumas análises, ele conseguiu transferir sua popularidade para Dilma, mas no fim da campanha começou a atrapalhar, com intervenções desastradas.

Marta: Exagera-se a ideia de que o eleitor vota na Dilma porque o Lula mandou. O país vive uma situação de crescimento econômico, aumento da renda, formalização do emprego. É compreensível que o eleitor queira mantê-la. Dilma é vista como alguém que participou do governo responsável por isso. O voto no bem-estar tem sido decisivo: foi assim que Fernando Henrique se elegeu em 1998. Não creio que as alterações de humor do presidente tenham tanto peso. Apesar de o eleitorado ser chamado a votar numa pessoa, o voto é a favor ou contra uma situação. A importância do personalismo tende a ser marginal.